



SINOPSE DOS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS COMUNISTAS NO CONTINENTE AMERICANO*

Luiz Carlos Poll

Aprovado no concurso de admissão à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em 1988, o autor se propõe, com este artigo, a fornecer subsídio aos futuros candidatos aos cursos dessa Escola.

Fornece, ao mesmo tempo, aos leitores de A Defesa Nacional elementos para o acompanhamento do quadro apresentado, em face da anunciada mudança de postura do mundo comunista.

INTRODUÇÃO

Desde que Karl Marx tornou público seu "Manifesto Comunista" em 1848, a ideologia nele expressa tem se expandido.

Serviram de meio para essa expansão as "Internacionais Comunistas". A primeira delas tem sua origem na fundação, em LONDRES, da "Associação Internacional dos Trabalhadores", em 1864. Transferida para

* Artigo produzido em dezembro de 1988, deixa de registrar os fatos políticos ocorridos desde então nos países considerados, em particular no Paraguai, cabendo ao leitor apropriá-los.

Nova York, suas atividades encerraram-se em 1876, devido a dissensões internas, causadas pelo anarquismo e outras correntes políticas.

As organizações socialistas da Europa criaram, então, nova "Associação Internacional dos Trabalhadores", em Paris (1889), dando início à Segunda Internacional. Esta conclama os trabalhadores para evitar o conflito, que acaba acontecendo, a Primeira Guerra Mundial. Em meio à guerra, ocorre a Revolução Bolchevista na Rússia, chegando Lenine ao poder, em outubro de 1917. O novo líder acusa a II Internacional de pacifista, prega a impossibilidade da paz sem a derrota final do capitalismo, e cria a Terceira Internacional (Comintern). No entanto, alguns partidos socialistas se opõem à orientação da III, e se afastam também da II. Resolvem então formar a Internacional de Viena, a "Dois e Meio".

Em 1921 e 1922 foram realizados esforços para unir as três Internacionais, mas fracassaram. No ano seguinte, representantes da II Internacional e da Dois e Meio reuniram-se e fundaram a Internacional Socialista e Trabalhista, declarando extintas as duas que lhe deram origem. Em 1945, essa organização teve seu nome mudado para Conferência Socialista Internacional, cujo órgão consultivo era o Comisco. Em 1951, nova de-

nominação foi adotada, a de Internacional Socialista, conservada até hoje.

A Terceira Internacional continuou sob a direção de Lenine até sua morte, em 1924. Ocorreu, então, uma luta interna pelo poder soviético, da qual Stalin saiu-se vencedor. Trotsky e seus seguidores, derrotados, foram expurgados, criando a IV Internacional, em Bruxelas, no ano de 1938.

Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1943, em troca da liberdade e legalização dos Partidos Comunistas existentes nos Países Aliados, os soviéticos concordaram em extinguir o Comintern (a III Internacional), acusado de intromissão na política nacional daqueles países.

A ideologia comunista, porém, continuou em expansão. Em 1949, Mao Tsé-Tung vence longa luta interna, transformando a China em República Popular.

Paralelamente, havia sido criado, em Belgrado, em 1947, novo organismo internacional para servir de instrumento à propagação comunista – o Cominform. Transferido para Bucareste, veio a encerrar suas atividades, oficialmente, em 1956. Nesse ano, aconteceu o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Nele, Kruschev condenou o culto à personalidade de Stalin, admitiu existirem várias formas de socialismo, que a guerra não

era inevitável para a implantação do comunismo e que era possível a Coexistência Pacífica. Mao e seus camaradas não aceitaram essas novas idéias. E as divergências entre soviéticos e chineses se acentuaram com o passar dos anos, até o rompimento definitivo, na década de 60.

Ao mesmo tempo em que ocorria essa cisão, Cuba tornava-se o primeiro país comunista da América, em 1961. No ano seguinte, os soviéticos tentam instalar uma base de missões nessa ilha do Caribe, mas o bloqueio naval norte-americano os impede de levar o projeto avante.

Em 1966, em Havana, é criada a Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina (OS PA-AAL), e, um ano após, sua afiliada, a Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS). Esses dois organismos passaram a servir de cobertura para a exportação cubana da ideologia marxista – leninista para os países do terceiro mundo. Sua concepção do movimento revolucionário difere, no entanto, do modelo soviético (ortodoxo), pois é baseada no foco guerrilheiro (foquismo). Essa divergência vem somar-se à cisão já existente no bloco, entre russos e chineses. Seus reflexos evidenciam-se nas organizações comunistas dos países-alvos, as

quais tornam-se cada vez mais fracionadas e conflitantes entre si.

Este é um dos fatores pelos quais essa doutrina não conseguiu avançar em solo americano durante muitos anos. A vitória da revolução sandinista, em 1979, só ocorreu após várias tentativas fracassadas em muitos Países do Novo Mundo.

Neste trabalho procuraremos apresentar um resumo, basicamente histórico, dos movimentos revolucionários de origem comunista em terras americanas.

Tentaremos levantar os principais aspectos em cada país, iniciando pelo nosso.

MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS COMUNISTAS NO BRASIL

A Confederação Operária Brasileira foi a precursora do Partido Comunista do Brasil (PC do B), o qual realizou seu primeiro congresso em 1922, quando foram examinadas e aceitas as condições de filiação ao Comintern.

Na década seguinte, nosso país seria o primeiro da América a enfrentar uma tentativa comunista de tomada do poder. A Aliança Nacional Libertadora encobria as atividades do PC do B, que deflagrou a Intentona Comunista de 1935, em Natal,

Recife e Rio de Janeiro. Face à resistência das forças legais, o movimento fracassou de imediato, sendo presos os principais chefes. Após esse episódio, a situação política foi hostil às esquerdas, o que acentuou as dissidências em suas fileiras. Trotsquistas uniram-se a outros descontentes e formaram o Partido Socialista Revolucionário, passando a representar então a IV Internacional.

Após a Segunda Guerra, com a anistia, o PC do B é legalizado, em 1945. Dois anos depois, seu registro é cancelado, voltando seus militantes à clandestinidade.

O XX Congresso do PCUS tem grande repercussão em solo brasileiro. Surgem vários dissidentes. Em 1960, o nome da organização marxista-leninista passa a ser Partido Comunista Brasileiro (PCB). Acentuando-se as divergências, porém, alguns dissidentes resolvem separar-se e manter o nome anterior, ficando o PC do B como representante da linha chinesa, em 1962.

Além desses dois partidos, a situação política nos primeiros anos da década de 60 favoreceu o surgimento de outras organizações revolucionárias, entre elas:

- Ação Popular (AP) – Originária de estudantes e operários católicos, pregava o socialismo econômico e o marxismo-cristão.

- Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (POLOP) – Desejava a unificação das esquerdas em uma Frente Única e apoiava o PC do B na sua luta contra a "via pacífica" adotada pelo PCB.

- Partido Operário Revolucionário Trotsquista (PORT) – Novo representante da IV Internacional, realizou seu primeiro congresso em 1963, em São Paulo.

Além dos grandes grupos anteriormente citados, surgiram várias organizações subversivas paralelas. Uma destas foi a Frente de Libertação Nacional (FLN) de Goiânia, cujo embrião do seu exército eram os Grupos dos Onze.

A vitória da Revolução de 64 marcou o início de uma luta sem tréguas contra as esquerdas. Surgiu, porém, um novo grande grupo – o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Foi ele o responsável pela criação da "Frente de Caparaó", que pretendeu implantar um foco de guerrilha entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, em fins de 1966, o qual foi desbaratado no ano seguinte.

Combatido pelas forças legais e sem conseguir a união dos seus militantes, o Movimento Comunista Brasileiro (MCB) começou a esfacelar-se. Durante o VI Congresso do PCB, em 1967, vários militantes recusa-

ram-se a aceitar a "via pacífica" e foram expurgados. Estes reuniram-se em dois grupos: a Corrente Revolucionária e a Dissidência. O primeiro tornou a fracionar-se em três ramos: Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Agrupamento Comunista de São Paulo (ACSP – mais tarde Aliança Libertadora Nacional) e Corrente/MG.

O segundo também divide-se em três: Dissidência Leninista do Rio Grande do Sul, Dissidência Fluminense (MR – 8 – 1967) e Dissidência/GB (que deu origem ao atual MR – 8 – Movimento Revolucionário 8 de outubro – data da morte de Guevara – que passou a utilizar a mesma sigla anteriormente adotada pela Dissidência Fluminense).

Também militantes da PLOP se insurgiram contra sua direção nacional, influenciados pela idéia do "foco" das obras de Debray e pelo surgimento da OS PAAL e OLAS, terminando por fracionarem a POLOP em três organizações: Vanguarda Popular Revolucionária (VPR – 1 – de São Paulo), Comando de Libertação Nacional (Colina de MG, GB e RJ) e Partido Operário Comunista (POC). Em 1969 surgiu a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR – Palmares), oriunda da fusão da Colina e da VPR – 1.

Já a AP perdeu, por ocasião de sua cisão, em 1968, elemen-

tos para o PCBR e para o POC, enquanto a maioria dos seus membros se inclinaram a favor da linha chinesa, aproximando-se do PC do B, portanto.

Quanto à localização da ação principal, Carlos Marighella, o ex-capitão Carlos Lamarca e o teórico Joaquim Câmara Ferreira optaram pela guerrilha urbana, uma vez que, na Bolívia, havia fracassado a experiência na zona rural. Foram derrotados igualmente, sendo mortos durante choques com as forças de segurança. Da mesma forma, vieram-se derrotados os seguidores do pensamento de MAO (PC do B), quando tentaram formar um exército revolucionário em zona rural, no Araguaia, entre 1972 e 1974.

A fase final do processo iniciado com o surgimento do PC do B, consequência do conflito sino-soviético, que a Revolução de 1964 contribuiu para acelerar o que as idéias da Primeira Conferência Tricontinental (criação da OSPAAL) acabaram por desencadear, foi a atomização das esquerdas. A desagregação total do movimento comunista fez surgir um emaranhado de dezenas de organizações.

Na atualidade, o Movimento Comunista Brasileiro se organiza segundo três grandes linhas. O PCB representa o grupo que defende a tomada do poder pela via pacífica. A linha que preconiza a luta armada para ascen-

são ao poder tem o PC do B e o MR – 8 como seus grupos mais numerosos. Finalmente, há os seguidores da linha Trotsquista, que advogam a revolução permanente. Todas essas linhas têm se dedicado ao trabalho de massa, agora abertamente, uma vez que os partidos que as representam puderam se legalizar em 1985.

Paralelamente a essa propaganda revolucionária, porém de uma maneira mais insidiosa, a Internacional Socialista conquista terreno na política nacional, tendo inclusive realizado um congresso de caráter mundial, há poucos anos atrás, no Rio de Janeiro.

NA ARGENTINA

As teorias guerrilheiras de Che Guevara encontraram um campo fértil em seu país de nascimento. No momento de sua morte, ocasião em que seu nome e suas idéias eram mais divulgadas, os militares, no poder, enfrentavam a luta armada da esquerda revolucionária. Nesta, dois grupos se destacavam: o Exército Revolucionário do Povo (ERP), de origem Trotsquista, e os Montoneros, peronistas de origem social-cristã, que acabaram aderindo ao comunismo sob a influência cubana. Além desse último, os peronistas, em 1969, ainda constituíram outros grupos menores,

como: Forças Armadas Peronistas (FAP), Forças Armadas Revolucionárias (FAR), Exército Nacional Revolucionário (ENR) e Peronismo de Base (P de B).

Quando Peron voltou ao poder, em 1973, e passou a agir ao contrário do que pretendiam esses grupos, os mesmos se aproximaram do ERP, numa frente única. O ERP era, sem dúvida, o mais organizado e bem armado dos movimentos guerrilheiros que agitaram a Argentina na década passada.

Agia tanto no campo, fazendo a guerrilha rural nas províncias de Catamarca e Tucumã, quanto nas cidades, realizando atos terroristas, especialmente em Córdoba e Buenos Aires.

Todos os grupos revolucionários foram duramente combatidos pelas Forças Armadas, mesmo durante o governo de Peron e de Isabelita. Durante o desta última, que governava sob a influência de Lopes Rega, "o Bruxo", foram mortos mais de 1400 guerrilheiros. O combate maior, porém, ocorreu quando, em 1976, os militares voltaram ao poder, mediante nova derrubada do governo. Na luta foram usados até mesmo aviões do tipo Pucará e bombas de napalm. Dois anos após, as forças legais declararam-se vitoriosas. Mário Firmenich, ex-chefe dos Montoneros, foi preso, após ter sido extraditado do Brasil. Mario

Santucho, ex-chefe do ERP, morreu na luta.

No entanto, após o fracasso na Guerra das Malvinas, os chefes militares começaram a ser acusados de serem responsáveis por 30.000 "desaparecidos", durante a "guerra suja" contra os guerrilheiros. A propaganda comunista aproveitou o julgamento dos generais acusados da derrota para os ingleses para requerer o julgamento de todos os oficiais que combatiam a guerrilha nos anos 70. Os militares então se rebelaram e o governo de Raul Alfonsin reconheceu a existência da "obediência devida". Durante a revolta, destaca-se a figura de Aldo Rico, um tenente-coronel do Exército Argentino, que liderou nova rebelião no início de 1988. Após esta última, a Imprensa noticiou que três ex-capitães do Exército declararam que seriam formadas forças subterrâneas para o combate do Marxismo.

NO URUGUAI

As raízes do movimento revolucionário de expressão na República Oriental estão no trabalho de organização sindical de "bóias-frias", efetuado desde fins da década de 50 pelo socialista Raul Sendic, nos arrozais do leste e nas plantações de cana-de-açúcar do norte uruguai. Tornou-se ele o líder do

Movimento de Libertação Nacional (MLN) Tupamaros, a organização comunista de relevo naquele país, que desenvolveu sua ação na zona rural, inicialmente. Devido ao fato de que a maior parte da população uruguaya mora nas cidades (80%), passaram seus militantes a desenvolver a guerrilha urbana. Em 1967, tendo alcançado fama mundial como "modelo de guerrilha urbana", recusaram a oferta do "Che" de a ele unirem-se, na Bolívia.

Os Tupamaros realizaram ações audaciosas, sendo algumas bem sucedidas. A 8 de outubro de 1969 (observem a data) tomaram a cidade de Pando, a 30 km de Montevidéu. Em outra ocasião, levaram uma centena de armas de uma guarnição da Marinha. Utilizavam muito estes golpes de propaganda na tentativa de colocar no ridículo o governo, denunciar condições sociais injustas e fortalecer, perante a opinião pública, a idéia da existência de um "poder paralelo". Com esse intento, em 1970, seqüestraram o cônsul brasileiro, Dias Gomide, e um assessor policial norte-americano, Mitrione, tendo este último sido assassinado pelos terroristas, mais tarde.

As forças de segurança conseguiram prender Sendic, mas este fugiu por um túnel, com outros 100 militantes, em setembro de 1971.

Um ano depois, o Ifder tupamaro voltou a ser capturado, e esse acontecimento marcou o final efetivo da guerrilha no Uruguai. O MLN tornou-se, a partir de então, um movimento político legal, tendo renunciado à luta armada, ao menos temporariamente. No apogeu de suas atividades, calcula-se que havia cerca de 6.000 tupamaros, os quais se destacavam, comparados com outras organizações subversivas, de efetivo bem menor.

À semelhança do que ocorreu no vizinho país platino, os militares uruguaios também foram acusados de excessos na repressão ao terrorismo. Houve denúncias mesmo da formação de "esquadrões da morte", durante o combate. Como os presos por atividades guerrilheiras foram soltos em 1985, se reintegrando à vida política normal, as acusações de ambas as partes ficaram, durante certo tempo, adormecidas. Em fins de 1988, porém, um plebiscito passou a ser requerido, para decidir sobre o julgamento judicial dos militares envolvidos na repressão, tal como ocorreu na Argentina.

NO CHILE

Os chilenos sempre foram extremamente politizados. Seu sistema político fundamentava-se na imprensa livre, liberdade

sindical e pluralismo partidário. Nesse ambiente o Partido Comunista do Chile, vinculado à III Internacional, desenvolvia suas atividades, desde 1920. Sua participação na política chilena não era expressiva, até liderar uma coalizão de esquerda, a Unidade Popular, que conseguiu eleger Presidente seu candidato, Salvador Allende, devido às divergências ocorridas entre os demais partidos, em 1970. O mesmo só foi eleito, pelo Congresso, em 2º turno, devido à sua aceitação de um "Estatuto de Garantias Democráticas", comprometendo-se a conservar a estrutura vigente. Allende, porém, concebia seu governo como uma etapa de transição para o socialismo. Sua manobra era singular, pois pretendia o desenvolvimento do processo revolucionário através das vias institucionais, através do próprio sistema a ser substituído, pela ampliação da fatia eleitoral. Não implantaria a ditadura do proletariado, a conquista total do poder se daria pela transformação da sociedade, sem ser o motor desta transformação. Era esta a "Via Chilena para o Socialismo", a concepção "marxista-humanista". Diferenciava-se do marxismo-leninismo tradicional por aceitar a oposição política (o pluripartidarismo) e eleições periódicas, e por admitir a coexistência das propriedades estatais, mistas e privadas.

Pondo em prática seu plano de transformação da sociedade, Allende efetuou a nacionalização das principais minas de cobre, das jazidas de ferro, de bancos e de empresas financeiras, a partir de 1971. Através do bloqueio de preços e do controle de greves por meio de sindicatos, criou as condições necessárias para a intervenção estatal nas empresas privadas, passando a controlar integralmente os setores de mineração, petróleo, energia elétrica, telecomunicações e bancário. Decretou um aumento significativo dos salários ao mesmo tempo em que congelava os preços das mercadorias. Isso originou o "desabastecimento", isto é, a falta do produto no comércio e o desenvolvimento do mercado negro, o que corroeu seu apoio popular, em 1972. Também agravou-se a situação econômica do país devido ao bloqueio financeiro e das exportações imposto pelos Estados Unidos, cujas empresas tiveram seus interesses afetados pelas medidas adotadas.

A asfixia econômica do Chile fez com que Allende perdesse o apoio parlamentar, o que ficou evidenciado nas eleições de 1973.

Planejou ele então manter o poder através do modelo clássico, pelo uso do golpe de estado. Os militares, entretanto, anteciparam-se nas ações. As Forças Armadas e os Carabineiros

atacaram o Palácio de La Moneda, e Allende, vendo-se derrotado, suicidou-se.

O General Pinochet manteve-se no comando da tutela militar desde então. O país passou a ter um crescimento econômico surpreendente. A "Revolução Silenciosa" na economia modernizou o Chile. A taxa de inflação anual foi de 19,9% em 1987, e calculava-se que ficaria em 10% em 1988. Mas a propaganda contra a ditadura de Pinochet é intensa. No plebiscito realizado em outubro (1988), a oposição venceu, quando 4 (contra 3) milhões de eleitores votaram para a "não" permanência do General na presidência.

Isso representou uma vitória dos grupos de esquerda, entre os quais destacam-se, por contínuas atividades de guerrilha, a Frente Patriótica Manuel Rodrigues (PPMR) e o Movimento de Esquerda (Izquierda) Revolucionário (MIR). Esse último age desde os tempos de Allende, realizando ações subversivas, tanto na zona rural quanto na urbana.

NO PARAGUAI

A ditadura de Francia marcou o início da vida independente desse país. A da família López terminou por levá-lo à desastrosa guerra contra a Tríplice Aliança. Ja na guerra do Chaco

os paraguaios saem vitoriosos, apesar de arruinados economicamente. Após esta, outro período ditatorial acontece, até 1948. Decorridos poucos anos, um golpe de estado leva Alfredo Stroessner ao poder, no qual se mantém, desde 1954, até os dias atuais. Governa ele com "mão de ferro" a nação guarani. Até 1962, só existia o Partido Colorado na vida política do país presidido por ele. A partir de então, foi admitida a oposição, porém o Partido Comunista Paraguaio (PCP) continuou a ser considerado ilegal. Em 1976, seu secretário geral e 100 outros militantes foram presos. A Anistia Internacional acusou o governo Stroessner de dar a seus prisioneiros um tratamento desumano. Em 1979, a oposição se une na frente denominada "Acordo Nacional", que é ilegal, formado pelo Movimento Popular Colorado (Mopoco), Partido Democrata Cristão (PDC), Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA) e Partido Revolucionário Febrero (PRF). Em 1980, o estado de sítio que havia sido suspenso dois anos antes, após vigorar desde o golpe de 1954, volta a ser decretado devido ao assassinato de Somoza, ex-ditador nicaragüense. Também nesse ano, o governo norte-americano manifesta seu desagrado em relação ao regime vigente, com a saída do país de seu embaixador Robert White.

Durante o ano de 1986, são realizadas várias manifestações de protesto contra o governo, ao mesmo tempo que aumentam as críticas da Igreja. Finalmente, em maio de 1988, o Papa João Paulo II faz contundente discurso, citando a necessidade do respeito aos direitos humanos e de liberdade política, quando visita o Paraguai.

Nota-se portanto que existem vários fatores que podem favorecer um Movimento Revolucionário, quais sejam:

- aliança da oposição moderada com socialistas.
- rejeição à liderança de Stroessner por segmentos da população.
- emprego de força exagerada na repressão a protestos;
- possibilidade de apoio externo, partido, principalmente, de Cuba e/ou Colômbia;
- padrão de vida baixo da população (analfabetismo de 15,7%);
- oposição da Igreja;
- retirada do apoio dos Estados Unidos.

Este último talvez seja o mais significativo dos aspectos. Os Estados Unidos criaram uma mentalidade anticomunista no continente americano, após a Segunda Guerra Mundial. Reforçaram a ideia de um pan-americанизmo democrático com seu apoio econômico e político. No entanto, em certas ocasiões tem negado esse amparo. No caso

de ditaduras de direita, já por duas vezes facilitaram a tomada do poder pelos comunistas, em países das Américas. Foi o caso em 1959, quando auxiliou na derrubada de Fulgêncio Batista e, vinte anos após, quando apoiou a revolta contra Somoza.

No Paraguai, não existe um movimento de guerrilha expressivo, devido à dura repressão policial a qualquer indício de surgimento. Há que se levar em conta, também, o significativo apoio econômico que o Brasil tem dado ao país, neutralizando sua atração por eventuais aliados marxistas-leninistas.

NA BOLÍVIA

A Conferência Tricontinental de Havana, em 1966, escolheu esse país para ser a "Sierra Madre da América Latina". Ali seria o "foco" de onde seriam comandados todos os "exércitos de libertação nacional", pelo próprio "Che" Guevara. Esse foco iniciou com 15 cubanos e 14 bolivianos, estes últimos dissidentes da juventude do Partido Comunista, alguns ex-universitários e outros, mineiros. O grupo cresceu pouco, pois ficou isolado nas serras e matas do sudeste boliviano, sem ter obtido apoio dos camponeses e de outros setores sociais e políticos do país. O próprio Partido Comunista voltou suas costas ao empreendimento.

A 8 de outubro de 1967, os militares atacaram o foco, tendo a maioria dos guerrilheiros sido mortos na luta decisiva que se travou. Guevara foi ferido levemente num pé e executado um dia após.

Encerrava-se a guerrilha de influência cubana na Bolívia.

Após esse episódio, o país passou por uma série de golpes de estado, de greves e de agitações promovidas pelos sindicatos, o que originou a decretação do estado de sítio.

A guerrilha permaneceu latente no fundo da agitação política e passou a contar com um aliado em suas atividades subterrâneas – os traficantes de drogas. Estes fornecem armas em troca da defesa e da guarda de seus centros de processamento.

Em 1980, os Estados Unidos chegaram a denunciar a participação de militares bolivianos no tráfico de cocaína. Em 1986, soldados norte-americanos vieram à Bolívia ajudar na repressão ao narcotráfico, em uma operação conjunta com as forças legais do país.

NO PERU

O triunfo da revolução de Fidel Castro despertou as ações armadas no Peru, devido à influência de guerrilheiros peruanos que haviam estado em Cuba. Uma ação dirigida ao ali-

ciamento de indígenas, chefiada por Hugo Blanco, no vale de Cuzco, foi derrotada. Quinze meses antes da chegada do "Che" à Bolívia, o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) e o Exército de Libertação Nacional lançaram-se em uma ação conjunta. O próprio Guevara tencionava unir suas ações, no antiplano boliviano, às da guerrilha peruana. A repressão, porém, foi eficaz e ambos os movimentos fracassaram. Já em 1980, um novo grupo, o "Sendero Luminoso", inicia operações, após 5 anos de preparativos. Seus militantes seguem a linha de Mao Tsé-Tung, de quem julgam ser os verdadeiros intérpretes. Acreditam serem os Andes peruanos o eixo da revolução mundial, de onde serão consertados os erros revisionistas dos "comunistas cretinos" da China, União Soviética, Albânia e outros países. Não valorizam a propaganda (trabalho de massa), se propõem a fechar o Peru a toda influência estrangeira e construir uma sociedade dirigida por camponeses e operários. Seus métodos são brutais a ponto de horrorizar a própria esquerda. Seus líderes protegem-se com a capa do terrorismo e do segredo. Somente em agosto de 1988 o jornal El Diário, considerado voz não-oficial do grupo, publicou uma longa entrevista com o líder do Sendero, Abimael Guzmán.

Outro grupo guerrilheiro no Peru, de expressão, iniciou suas ações em 1984 – o Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA – que leva o nome do líder indígena que revoltou-se contra os espanhóis, no século XVIII). Formado por jovens estudantes, incorporou, em 1986, antigos militantes do MIR. Ambos os grupos têm realizado ações de comando, ataques a bomba, seqüestros e assassinatos, principalmente de prefeitos e juízes. A luta contra as forças legais e a guerrilha tem sido dura, calculando-se que já sacrificaram cerca de 15.000 peruanos nesta década.

O Sendero sofreu uma enérgica repressão nas proximidades de Ayacucho, em 1988, e 30 do total de 180 províncias foram declaradas "zonas de emergência". Como em outros países sul-americanos, os militares têm sido acusados de excessos, de transformarem "campesinos" em "desaparecidos", apesar de serem divulgadas também as atrocidades dos fanáticos militantes do Sendero e do MRTA.

Também nesse país o tráfico de cocaína está aliado à guerrilha. Estima-se que entram no país 1 bilhão de dólares, anualmente, como resultado do comércio da droga. Parte desse dinheiro é usada pelos traficantes para obter a proteção dos guerrilheiros.

Combater a ambos tem sido

de seus integrantes foram presos. Também é desse grupo a fracassada tentativa de ocupação do Palácio da Justiça, em 1985, ocasião em que as forças legais invadiram o prédio derrubando a porta com um carro blindado de reconhecimento.

Outro grupo guerrilheiro teve vida efêmera – o Batalhão América. Representou, em 1985, um ensaio de organização de uma força revolucionária que agisse na Colômbia, Equador e Peru, concomitantemente. A tentativa não deu certo, por diversos fatores, sendo um deles o desentendimento interno. Tendo se originado de uma cisão do PCC, surgiu, em 1968, mais um grupo, o Exército Popular de Libertação (EPL). Seus militantes agiam inicialmente no Departamento de Cordoba. Seguem a linha chinesa.

Já o Exército de Libertação Nacional (ELN) se identifica com a linha cubana, tendo iniciado suas atividades em 1962, com base em operários, campesinos, estudantes e religiosos. Sua figura mais destacada foi a do padre católico Camilo Torres Estrelo, morto em combate, em 1966. A atuação desse religioso exprimiu a influência dos "padres operários" da Europa no cristianismo revolucionário latino-americano, que também está expressa na "Teologia da Libertação", cujas origens estão no

país colombiano, da mesma forma.

Na Colômbia é muito estreita a ligação dos guerrilheiros com os traficantes de drogas. Similarmente ao que ocorre nos países vizinhos, os revolucionários conseguem armamento com os traficantes, e estes se valem da segurança proporcionada pelos primeiros.

O Exército combate a ambos, porém conta com um efetivo de apenas 60 mil homens, sendo que o número de guerrilheiros é de cerca de 10 mil. Não se sabe quantas pessoas estão envolvidas com as drogas, mas calcula-se que seus ganhos com a cocaína sejam em torno de 1,5 bilhão de dólares anuais, o que representa o mesmo valor da venda do café, que é o principal produto legal de exportação. Esse poder econômico dá ao cartel de Medelin quase tanta força quanto a que possui o Estado. E os traficantes utilizam essa força para eliminar aqueles que atrapalham seus passos. Em 1986, foram assassinados 28 juízes que julgaram casos relacionados com drogas. No início de 1988, o próprio Procurador-Geral, Mauro Hoyos, foi por eles assassinado. Outro juiz recebeu uma fita de vídeo que mostrava a execução de um colega seu.

Usando esses métodos, os que fazem o narcotráfico têm conseguido se firmar, estabele-

cendo uma rede internacional, sendo que as bases estão na Colômbia, Bolívia e Peru.

Esse aspecto multinacional é particularmente favorável aos seus aliados guerrilheiros e preocupa muito as forças legais, pela possibilidade da criação de uma "área vermelha" internacional, onde o poder dominante seja o dos traficantes e guerrilheiros.

Pela proximidade, pode mesmo parte do território brasileiro estar englobado nessa área. Bases guerrilheiras naquela região isolada e pouco habitada são extremamente indesejáveis para nosso país.

NA VENEZUELA

Esse país é uma das poucas democracias sólidas da América Latina. Apesar disso, passou por uma luta violenta contra a guerrilha, na década de 60. O movimento irrompeu em 1962, devido ao apoio do governo ao bloqueio naval norte-americano contra Cuba. Combatidos pelas forças legais, a partir de 1965, os guerrilheiros chegaram à conclusão de que haviam entrado em um "beco sem saída" e começaram a reintegrar-se à vida política normal da nação. O ex-líder dessa luta armada, Teodoro Petkoff, foi candidato à Presidência da República, em 1987, tentando conseguir nas urnas o

poder que não alcançou pela força, no passado.

A riqueza vinda do petróleo talvez tenha influenciado no resultado do combate à guerrilha, principalmente porque esta se apóia em contradições sociais e econômicas, existentes, em maior escala, em países mais pobres. Entretanto, apesar do progresso alcançado, ainda existem áreas de pobreza na Venezuela, particularmente em zonas rurais. Talvez por esse motivo também existam ainda grupos guerrilheiros, dos quais os mais expressivos são o Movimento Bandeira Roja (MBR) e a Nova Coordenação Revolucionária (NCR). Tal fato não impede que o governo atual continue a gozar de prestígio internacional, sendo inclusive um dos membros do grupo de Contadora.

A reunião da Venezuela, México, Colômbia e Panamá, países que constituem esse grupo, tem visado a buscar soluções pacíficas para os problemas da América Central.

NA GUIANA

Constitui-se essa jovem República em um importante objetivo visado pelo MCI, como ponto de apoio na América do Sul. Tem recebido missões técnicas e comerciais de países comunistas. Desde 1973 permite à frota pesqueira cubana operar em suas águas territoriais. Em

1976, foram divulgadas, pela imprensa brasileira e venezuelana, informações sobre a presença de soldados cubanos naquele país. O governo da Guiana reconheceu a existência de campos de treinamento para militares em seu território, embora negasse que eram bases de guerrilheiros treinados por instrutores cubanos e chineses. Admitiu, entretanto, que nesses campos era realizada uma preparação ideológica sob inspiração socialista. Na ocasião também foi difundido que um número crescente de guianenses dirigia-se à Cuba para receber formação ideológica. O então Primeiro-Ministro Burnham criou, na época, uma "Unidade Especial de Informação", cujo papel seria a vigilância da comunidade india e das representações estrangeiras. O pessoal dessa Unidade estagiou 10 meses em Cuba.

Quando Cuba enviou tropas, pela primeira vez para Angola seus aviões utilizaram território guianense como ponto de escala. Devido a todo esse relacionamento estreito com o país de Castro, e a outros fatores favoráveis, a ex-colônia inglesa corre sério risco de ser o primeiro país sul-americano a cair na armadilha comunista.

NO SURINAME

A suspensão da ajuda ho-

landesa e norte-americana a esse país deveu-se ao fato de estar o Presidente Bouterse governando de maneira ditatorial. Isso levou o Suriname a aproximar-se de Cuba e da Líbia.

Em consequência, a presença cubana em suas fronteiras levou o Brasil a fazer um esforço para aumentar sua influência, a partir de 1983. Atualmente nosso país fornece-lhe assistência militar, econômica e financeira, e é seu principal aliado. Essa aproximação foi facilitada quando as relações do Suriname com Cuba foram estremecidas com o pedido de saída do embaixador cubano e de 105 diplomatas e técnicos de mesma origem, logo após a invasão de Granada pelos norte-americanos.

EM GRANADA

Essa nação, há pouco independente, de origem inglesa, passou por um golpe de estado em 1979. O novo governo adotou várias medidas populares – como o congelamento de preços, a criação de organizações de trabalhadores e a instalação de conselhos comunitários para debater problemas locais – e criou um Exército Revolucionário, além de estabelecer relações com Cuba e União Soviética. Por volta de 1982, Havana já se tornara o principal parceiro e aliado de Granada, fornecendo

auxílio financeiro e assistência técnica ao país, inclusive na construção de um moderno aeroporto.

Para o MCI a pequena ilha era importante para facilitar a projeção da influência cubana, não somente nas pequenas Antilhas, mas também nas Guianas e no Suriname. Os Estados Unidos tinham a área sob sua influência antes do golpe de estado. Passaram então a hostilizar aquele governo, vetando o crédito em organismos internacionais e realizando manobras navais nas proximidades. Quando novo golpe, dessa vez da extrema esquerda, em 1983, depôs o governo, fuzilando o Primeiro-Ministro e reprimindo a reação popular que se seguiu, os norte-americanos invadiram a ilha, com uma força de 1.900 homens, acompanhados de 300 soldados de outros países do Caribe. Ao final do combate, morreram 18 soldados estadunidenses, 16 granadinos e 24 cubanos. Foi organizado, então, novo governo, que voltou ao alinhamento democrático tradicional.

NO HAITI

A região ocidental da Ilha de Espanhola, antiga base de piratas ingleses e franceses, tem conhecido, desde o início de sua história, a luta interna e o derramamento de sangue. Imperadores e ditadores são uma cons-

tante no passado dessa nação. Recentemente, a família Duvalier impunha um regime autoritário, oprimindo a população através do uso da polícia, dos "Ton-ton Macoute". Os protestos internos e as pressões externas foram aumentando gradativamente. Industriais, médicos, advogados, religiosos e militares se revoltaram contra o Presidente Vitalício "Baby Doc", depoendo-o, em 1986. Seguiu-se uma série de golpes de estado, na qual dois generais e um civil, Manigat, alternaram-se no poder.

Sabendo-se que a instabilidade política constitui-se em fator favorável a movimentos revolucionários, o mesmo ocorrendo com o baixo padrão de vida da população (o Haiti é considerado o país mais pobre do hemisfério) e, levando-se em conta que os padres católicos que se opuseram ao ditador inspiraram-se na Teologia da Libertação, é lícito supor que pode lá ocorrer o mesmo que aconteceu quando Castro derrubou Batista, ou quando os sandinistas depuseram Somoza. Ao menos, é o que certamente espera o Partido Unificado dos Comunistas Haitianos (PUCH).

NA REPÚBLICA DOMINICANA

Em 1965 uma guerra civil irrompeu na região oriental da Ilha de Espanhola. Era a luta da

esquerda tentando assenhorar-se do poder. Tropas norte-americanas interviveram contra a facção de esquerda. A seguir o país foi ocupado por soldados de várias nações do continente, inclusive do Brasil.

Anos depois, em 1973, o MCI fez nova tentativa, quando grupos castristas invadiram o país, visando a derrubada do Presidente. Tais grupos foram derrotados e seus chefes mortos.

Permanece São Domingos mantendo uma oposição de hostilidade diante de Cuba e da Nicarágua, tendo uma postura francamente pró-Estados Unidos, identificado plenamente com seu maior aliado.

EM CUBA

Quando Fidel Castro refugiou-se com seu irmão (Raul), "Che Guevara", Camilo Cienfuegos e outros na Sierra Maestra, dando inicio ao movimento revolucionário que sairia vitorioso, o Partido Comunista Cubano (PCC) passou ao "dualismo". Ao mesmo tempo que apoiava as forças de Batista, auxiliava a guerrilha. Quando a vitória pendeu para esta última, o PCC abandonou definitivamente o ditador. Após a vitória final, em 1959, o PCC se expandiu e se infiltrou cada vez mais na vida cubana. As refinarias de petróleo, pertencentes a companhias

norte-americanas, recusaram-se a refinar matéria-prima soviética e foram expropriadas. Fidel passou a receber armas e ajuda soviética. Exilados cubanos fracassaram em sua tentativa de tomar o poder, após o desembarque na Baía dos Porcos, em 1961. Logo após, Castro declarou Cuba um Estado Socialista. As promessas e objetivos iniciais da Revolução foram paulatinamente esquecidos. Uma onda de violência varreu o país. Os fuzilamentos no "Paredón" tornaram-se uma constante. Aos poucos foram eliminados os opositores à "nova ordem".

Em 1962, os Estados Unidos descobrem que a União Soviética enviou material para a instalação de uma base de mísseis na Ilha, e fazem o bloqueio da mesma. Os soviéticos, de poderio inferior na ocasião, são forçados a recuar. A partir da Conferência Tricontinental de Havana em 1966, surge a Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAL). No ano seguinte é criada uma afiliada da anterior, a Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS).

As obras de Debray e de Guevara, o "cérebro" da revolução cubana, são difundidas então mais facilmente. É divulgada a doutrina do "foco" como alternativa para os adeptos da luta armada. Cuba se transforma assim em instrumento de grande

utilidade para Moscou, que tem sua ideologia propagada sem que haja necessidade do emprego direto de suas forças, permitindo-lhe manter a imagem de "nação pacífica".

Castro recebe os meios da União Soviética para apoiar os governos comunistas e a guerrilha nos países do Terceiro Mundo.

Na África, Angola foi quem mais contou com a ajuda cubana, até o recente acordo firmado entre esse país e a África do Sul. Cerca de 50.000 assessores e soldados castristas estacionaram em seu território para manter a luta do governo comunista contra a União para a Independência Total de Angóla (UNITA) e apoiar a Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO) na luta contra a África do Sul, pela Namíbia. Cerca de 20.000 outros cubanos continuam apoiando os governos comunistas de Moçambique, Etiópia e Iemen do Sul, no combate a seus opositores. Na região continental centro-americana, a Nicarágua é atualmente o maior exemplo da expansão do MCI através de Cuba. Por trás de laços comerciais, é mantida uma ajuda em pessoal & material destinada a combater os "contra". A guerrilha nos demais países da região, e nas ilhas do Caribe, é sempre instigada e apoiada por Havana.

Essa ação tem custado à

União Soviética cerca de 10 milhões de dólares diários em auxílio financeiro à sua clientela latina e tem, também, auxiliado a deteriorar a economia cubana. O país continua a ser monocultor, enquanto outros estão se industrializando. Esse é um dos fatores que levaram um milhão de pessoas a deixarem o país. A esse aspecto soma-se o da perseguição política. Há cerca de 20.000 presos políticos no país. Castro derrubou um ditador para tornar-se, ele próprio, outro. E não entende por que há no país indolência no trabalho, roubo e corrupção, porque centenas de milhares de pessoas querem deixar a Ilha. Não acha graça da anedota cubana que diz: "Cuba é a maior nação do mundo, pois tem a administração em Moscou, a população na Flórida e o exército na África."

NO PANAMÁ

Esse país tem grande significado estratégico para os Estados Unidos pela presença do Canal e das bases militares americanas em seu território. Washington receia atualmente que ocorra um alinhamento do atual governo panamenho com Cuba e Nicarágua. Isso porque o homem forte do País, General Noriega, está se aproximando destes. Ele é o chefe das Forças de Defesa Panamenhas e quem realmente manda no go-

verno. Aliás, a tradicional ascendência dos militares panamenhos sobre o poder civil manteve-se intocada depois que o brigadeiro Torrijos deixou a Presidência. Tanto assim é que o último presidente demitiu Noriega, mas este, contando com o apoio da Assembléia Nacional, permaneceu no cargo e quem teve que ser substituído foi o Presidente. Noriega era um protegido de Torrijos, a quem deve a posição que ocupa. Possuía, ao que tudo indica, ligações com a Cia, para a qual fez alguns trabalhos. Era considerado um aliado dos Estados Unidos, um anticomunista que permitiu o treinamento dos "contra" em solo panamenho e que combateu, no tempo de Torrijos, a guerrilha na Província de Chiriquí. A partir de 1986, porém, começaram a ser levantadas sérias acusações contra ele. Foi acusado de ser o responsável pelo uso do Panamá como ponto intermediário do tráfico de drogas entre a Colômbia e os Estados Unidos, de transformar as Forças de Defesa em agência do crime organizado, de fornecer armamento aos sandinistas desde 1982, bem como ao M-19 colombiano. Foi-lhe também imputada a acusação de assassinatos, torturas e atos sádicos. Seria ele o responsável pela "lavagem" de dinheiro sujo, fraudes eleitorais e intimidação política. Logicamente, todos os

elementos do governo a ele ligados são co-responsáveis por essa criminalidade e corrupção generalizada.

A economia do país vai de mal a pior, e à corrupção somam-se o desemprego, a injustiça social, a estagnação econômica e uma imensa dívida externa.

A ruptura com os Estados Unidos levou Noriega a buscar apoio nos países marxistas da região. Trouxe assessores militares cubanos para o país e comprou aviões de Fidel Castro, com quem manteria estreitas relações a partir de então, tendo-lhe vendido informações secretas norte-americanas e também a ele se aliado no tráfico de drogas. Foram, da mesma forma, apenas os governos marxistas que o apoiaram quando o Presidente quis demiti-lo.

Devido à tensão gerada no Panamá com a tentativa feita pelos Estados Unidos de retirar Noriega do governo, foi enviado um reforço de 1.300 soldados para a Zona do Canal, além de helicópteros.

Teme-se o ressurgimento de tensões, que tinham desaparecido a partir dos tratados transferindo o controle do Canal para os panamenhos, a partir do ano 2000.

EM COSTA RICA

É o mais democrático dos países centro-americanos. O

Partido Comunista é legal e só se tem notícias de um grupo guerrilheiro, o Movimento Revolucionário do Povo (MRP). Desde 1948, a Costa Rica extinguiu seu Exército. Mantém, porém, uma forte Guarda Civil e uma Guarda Rural, as quais foram treinadas por assessores norte-americanos, desde 1982. Apesar disso, o país havia apoiado os sandinistas na luta contra Somoza. Após o desvio dos destinos da Revolução Sandinista, Costa Rica e Honduras transformaram-se em peça-chave no auxílio do governo Reagan aos "contra".

Manágua protestou veementemente e chegou a violar várias vezes o território da Costa Rica em perseguição a guerrilheiros anti-sandinistas, que mantinham bases naquele país. Devido à pressão que a Nicarágua exerceu, em 1984 foram desmanteladas 82 dessas bases. Entretanto, foi firmado um acordo com a Cia para a construção de um campo de pouso secreto na selva da Costa Rica, para suprir os rebeldes no sul nicaragüense. Após Oscar Arias assumir o governo da Costa Rica, cancelou-se esse acordo e propôs-se um Plano de Paz para a América Central. De acordo com esse Plano, os países vizinhos à Nicarágua, especialmente Honduras, não mais abrigariam bases dos "contra" e reconheceriam como legítimo o governo sandi-

nista. Este, por sua vez, comprometeu-se a não mais incentivar e financiar os guerrilheiros marxistas da região, especialmente os de El Salvador. Por seu esforço nesse sentido, Arias ganhou o Prêmio Nobel da Paz, em 1987. Inicialmente aconteceram encontros promissores entre os governos e os rebeldes. O tempo passa, porém, e não se chega a resultados positivos. Infelizmente, parece que terão sido em vão os esforços de Arias, como foram os do grupo de Contadora.

NA NICARÁGUA

A luta guerrilheira começou nesse país em 1926, quando Augusto Sandino iniciou, nas montanhas, o combate às tropas dos Estados Unidos que apoiavam a Guarda Nacional da Nicarágua. Em 1934, os norte-americanos se retiraram e o movimento perdeu a razão de ser. Apesar disso, Sandino foi assassinado por homens do General Somoza García, que mais tarde tornou-se Presidente. A família Somoza perpetuou-se no poder, tendo o filho de García sido eleito após o assassinato do pai, e seu irmão, Anastácio Somoza, eleito em 1967.

Contra os abusos dessa família surge a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), em 1961, inspirada na guerra de Sandino. Em 1978, o assassina-

to do jornalista de oposição, Chamorro, diretor do diário "La Prensa", uniu todos os oposicionistas, levando à insurreição os trabalhadores, estudantes, sindicatos-elementos de todas as classes. Na luta que se seguiu morreram milhares de pessoas, e esta terminou com a vitória dos sandinistas, em 1979. O ditador refugiou-se no Paraguai, onde foi morto por um tiro de bazuka, no ano seguinte.

Após a vitória, a infiltração comunista no movimento se fez sentir, sendo estatizados os bancos, as companhias de mineração, de pesca e a indústria extrativa. São criadas fazendas estatais baseadas na desapropriação de terras. Começa a crescer o número de presos políticos (estimados em 3.300, atualmente).

Aos ex-integrantes da Guarda Nacional, agora no exílio, começam a juntar-se outros elementos de oposição aos sandinistas, descontentes com os rumos da revolução. Campos de treinamento desses exilados surgem nos Estados Unidos e, segundo a imprensa, na Argentina.

Eden Pastora, o Comandante Zero, um herói da luta contra Somoza, abandona e passa a combater os sandinistas, chefiando mais tarde a Aliança Revolucionária Democrática (ARDE), com bases na Costa Rica, desmanteladas em 1984. Outros

líderes formaram a Força Democrática Nicaraguense (FDN), na Guatemala, em 1981, grupo que seria conhecido como "os contra". Atualmente, o número dos "contra" é avaliado de 9.000 a 12.000 guerrilheiros, com bases em Honduras. A direção política do movimento tem, como um de seus integrantes, o filho do jornalista Chamorro, cujo jornal já foi fechado várias vezes pelos sandinistas.

O Movimento Miskito é formado por outro grupo que agora combate as forças de Ortega, apoiado pelos Estados Unidos.

A CIA exerce o papel de orientação e suprimento dos "contra" desde 1983. Pelo que foi divulgado, o dinheiro conseguido com a venda de armas ao Irã foi destinado aos "contra", na conexão que envolveu autoridades da área de segurança dos Estados Unidos, e cujo elemento-chave seria o Tenente-Coronel Oliver North.

Honduras tem sido o principal aliado dos Estados Unidos nesse apoio aos "contra". Os sandinistas porém têm invadido o território hondurenho para destruir as bases guerrilheiras. Em março de 1988, quando um efetivo elevado de soldados invadiu o país, os Estados Unidos enviaram tropas para apoiar as forças hondurenhas. O choque não se deu porque os sandinistas retiraram-se poucos dias após. O agora chamado Exército

Popular Sandinista está equipado com um poderoso arsenal convencional, em grande parte fornecido por Cuba, que, por trás de laços comerciais, supre as tropas de Ortega com armas e munição, além de enviar assessores militares. Esses laços já existiam antes de os sandinistas tomarem o poder, quando Havana treinava esses guerrilheiros em seu próprio território, e convenceu os movimentos e partidos de esquerda da América Central a aumentarem sua ajuda à Frente Sandinista.

Para Cuba é muito conveniente ter um aliado no continente, pois ambos dividem os encargos de apoiar a guerrilha dos Países vizinhos.

A Nicarágua apóia principalmente os guerrilheiros marxistas de El Salvador, o que contribui cada vez mais para abalar sua já precária situação econômica. Embora essa situação se deva mais à administração deficiente do governo Ortega, este descarrega a culpa toda na guerra aos "contra" e na ação adversa dos EUA, a quem acusa de querer invadir o país. Para fazer frente a essa suposta invasão, tem militarizado a sociedade nicaraguense, retirando, para treinamento militar, muitos homens do setor de produção. São cerca de 2.800 trabalhadores que recebem essa instrução, em cada mês. Talvez seja visando a ganhar tempo para re-

cuperar-se economicamente que o regime sandinista aceitou o Plano de Paz do Presidente Oscar Arias. Evidentemente, suas intenções não são de entrar em acordo com os "contra", nem deixar de apoiar a guerrilha de El Salvador. Isso ficou demonstrado quando fechou o Jornal La Prensa e a rádio da Igreja Católica. O próprio Presidente da Costa Rica decepcionou-se com tal atitude sandinista.

EM HONDURAS

De maneira semelhante ao que ocorre no Panamá, a tradição é que o homem-forte de Honduras seja um militar, embora atualmente esteja um civil na Presidência.

Talvez influenciado por esse fato e pelos acordos militares, o país é um tradicional aliado dos Estados Unidos de quem recebe considerável auxílio financeiro.

De 1980 a 1988, recebeu 1 bilhão de dólares em ajuda econômica e 431 milhões de dólares em ajuda militar. Transformou-se na peça chave do apoio norte-americano aos "contra", tendo o respaldo de tropas dos Estados Unidos quando necessário, como ocorreu por ocasião da invasão de seu território pelos soldados sandinistas em combate aos rebeldes.

É provável que esse apoio seja o fator que impeça a Manágua de entrar em guerra com o país, já que ambos estiveram

às portas de um conflito aberto, nos últimos anos, por mais de uma vez, devido às bases de anti-sandinistas localizadas em Honduras.

Também com El Salvador o país tem divergências, apesar de tropas hondurenhas terem colaborado com o Exército daquele país na repressão à guerrilha, em 1982.

Outro problema que pode se tornar sério é a tentativa que o Cartel de Medelin vem fazendo para se aproximar dos militares hondurenhos, à semelhança do que acontece na Colômbia. Caso o consigam, poderiam incrementar a guerrilha no país, como forma de expandir o narcotráfico, dificultando atualmente pela pouca expressão da guerrilha (que lhe serve de proteção), representada apenas por dois grupos: O Movimento Popular de Libertação - União Revolucionária do Povo (MPL-URP) e o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT).

EM EL SALVADOR

O menor país do continente centro-americano é hoje em dia o que mais perto está de se tornar o "segundo, terceiro Vietnã" dos sonhos de Guevara. O saldo da guerrilha é, em 8 anos de luta, de mais de 92.000 mortos. Bem mais que os 30.000 que morreram em 1932, por ocasião de uma insurreição campesina.

Após esta, os movimentos revolucionários se mantiveram, de forma esporádica e clandestina, até os anos 70. As Forças Armadas controlaram direta ou indiretamente o governo, de 1932 a 1984, gerando reações à "opressão militar". Essas reações foram aumentadas pelas condições sociais e econômicas do país, e agravadas pelo fato de estar a propriedade da terra concentrada em poucas famílias. Essa situação levou Arce Zabala, um jovem de família de boa posição social, seguindo o exemplo do "Che", a estruturar a primeira célula urbana, em fins de 1970, que deu origem às Forças Populares de Libertação (FPL).

Simultaneamente, surgiu o Exército Revolucionário do Povo (ERP) que, junto com a FPL, promoveu seqüestros de empresários e industriais para a obtenção de fundos.

Pouco depois, também os grupos denominados Forças Armadas de Libertação (FAL), ligadas ao Partido Comunista, Forças Armadas da Resistência Nacional e Partido Revolucionário dos Trabalhadores Salvadorenhos apareceram em cena realizando ações semelhantes.

O governo respondeu com medidas de repressão que não surtiram efeito. A guerrilha passou a ser influenciada pela idéia chinesa da "guerra popular pro-

longada", afastando-se um pouco do "foquismo".

Nas regiões onde a luta era intensa começou o êxodo de milhares de civis. Alguns grupos da guerrilha uniram-se formando a Frente Democrática Revolucionária, em 1980. No mesmo ano, toda a oposição terminou por se unir na Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), chefiada atualmente por Shafic Handal. O governo, de centro, adotou medidas para contemporizar com os rebeldes, mas que desagradaram a extrema direita, liderada pelo ex-Major do Exército D'Aubuisson, responsável pela formação de esquadrões da morte.

Esta facção promoveu enorme onda de violência, sendo-lhe atribuído o assassinato do Arcebispo de São Salvador e de 4 freiras norte-americanas — estas, após terem sido violentadas. Esses fatos levaram os religiosos a se aproximarem ainda mais da guerrilha, principalmente nas áreas rurais, e a uma atenção especial por parte do governo dos Estados Unidos à região.

O Exército salvadorenho passou a receber armamento, viaturas e treinamento especial para a luta antiguerreira. Foram enviados vários assessores militares norte-americanos para o país, e chegou a tomar corpo a idéia de uma intervenção dire-

ta das tropas dos Estados Unidos.

A partir de 1985, pouco a pouco, o Exército passou a recuperar terreno, tendo os guerrilheiros perdido o controle de boa parte dos territórios que dominaram entre 1980 e 1985, e tendo fracassado o que seria a "ofensiva final", em 1981. Da etapa já de guerra de posições retornou à de guerrilha avançada. Os Estados Unidos já investiram cerca de 3 bilhões de dólares, entre 1980 e 1988, além de terem treinado e armado 50.000 soldados de El Salvador. Em compensação, serviu-se do território salvadorenho para surpreender os "contra" na Nicarágua.

Os guerrilheiros, por sua vez, recebem ajuda da União Soviética e Cuba, por intermédio da vizinha Nicarágua. Devido a esse apoio, os rebeldes continuam a dominar parte do território, e a realizar ações contra as forças legais, como o sequestro da filha do Presidente Napoleão Duarte (trocada pela liberdade de 22 guerrilheiros) em 1985, e o ataque ao QG do Exército, em novembro de 1988.

Esse é o terrível quadro em que se encontra El Salvador, onde, só nas 11 semanas iniciais de 1988, foram mortos 94 civis (não-combatentes), sendo 45 pela FMLN, 24 pelos soldados salvadorenhos e 25 pelos esquadrões da morte.

NA GUATEMALA

Também nesse país os militares têm tido o controle direto ou indireto do governo. Depois de 1954, quando a CIA ajudou a derrubar um reformista no poder, o governo tem sido quase exclusivamente dirigido por elementos das Forças Armadas.

Os problemas da distribuição de terras, de crises sociais e a repressão do regime a qualquer oposição propiciaram o aparecimento de movimentos guerrilheiros muito fortes, na década de 60. Em 1971 os rebeldes sofreram sérios reveses, mas a guerrilha ressurgiu.

As forças legais têm conseguido isolar os guerrilheiros nas montanhas agrupando os campões em aldeias-modelo controladas pelo Exército, e criando as Patrulhas Civis de Autodefesa, integradas por indígenas. Apesar disso, em 1981, a guerrilha realizou uma grande ofensiva, que foi contida. Em 1982, os principais grupos rebeldes formaram a Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG) para combater as forças legais e 2 grupos guerrilheiros de extrema-direita, o Exército Secreto Anticomunista (ESA) e o Esquadrão da Morte (EM). Esses últimos seriam os responsáveis por atrocidades similares às da guerrilha esquerda, por fatos como o desaparecimento de dezenas de

milhares de pessoas. A ação desses grupos foi uma das causas da suspensão da ajuda militar norte-americana, em 1977, em virtude das violações dos direitos humanos. Essa ajuda voltou a ser dada quando Reagan iniciou seu governo, sendo novamente suspensa depois do assassinato de 6 funcionários da USAID, em 1983.

A partir de então, Israel passou a prestar serviço de assessoria militar à Guatemala.

Aos guerrilheiros comunistas, quem tem prestado auxílio é o governo de Fidel Castro, já há anos. Fornece armas e outros suprimentos aos rebeldes, cujo número gira atualmente em torno de 2.000 combatentes, e que tinham algumas bases localizadas em território mexicano. Quando o exército guatemalteco atacou tais bases, em 1984, as relações entre os dois países se deterioraram.

O governo da atual Guatemala tem um civil, de centro, na Presidência. Tem ele tomado algumas medidas reformistas que não agradaram aos comunistas, por serem "tímidas" demais, e tampouco à direita, que se queixa de estar ela autorizando a abertura de escritórios de companhias soviéticas no país, facilitando a propagação da ideologia comunista. O governo, por sua vez, quer que o Exército apoie e proteja o poder civil, a fim de terminar com a

guerrilha e trazer de volta a ajuda financeira externa, tão necessária ao desenvolvimento do país.

NO MÉXICO

A Revolução Mexicana, na década de 30, terminou após uma ampla reforma agrária e a expropriação das companhias estrangeiras. A partir de então, o modelo seguido passa a ser cada vez mais capitalista.

Nos anos 60, surgiu a guerrilha comunista de inspiração cubana, que insuflou as manifestações estudantis de 1968 e 1971, quando várias pessoas morreram.

De todos os movimentos marxistas que surgiram no México, o de maior expressão foi a Liga 23 de Setembro, que possuía quadros em quase todo o país e, especialmente, nas cidades do México, Guadalajara e Monterrey. Seu ex-chefe, atualmente membro do Partido Mexicano Socialista, Hilares, foi capturado em 1973, quando o movimento começou a esvaziar-se. A razão do fracasso total da guerrilha foi atribuída à sua debilidade política e à falta de apoio popular. Deixou um saldo de 1.500 mortos.

Apaziguando de vez os ânimos, em 1978, foi legalizado o

Partido Comunista Mexicano e, em 1980, todos os presos políticos foram anistiados, inclusive Hilares.

O governo mexicano só voltou a ter problemas relacionados com a guerrilha em 1984, quando o Exército da Guatemala atacou campos de refugiados no sul do país, em perseguição a guerrilheiros que agiam em seu território.

Nos dias atuais, o maior problema enfrentado pelo México é o econômico. Apesar de possuir extensas reservas de petróleo, é o dono da segunda maior dívida externa do mundo.

O problema econômico e financeiro reflete-se na política interna, causando o desgaste do Partido Revolucionário Institucional (PRI), virtual partido único no poder desde a Revolução.

Salinas foi eleito presidente este ano, porém a eleição foi tumultuada pelas acusações de fraude, podendo ele tornar-se o último governante eleito pelo PRI, que passará, no mínimo, a ter outros partidos fortes na oposição. Embora esses aspectos não caracterizem perfeitamente condições para a eclosão de nova guerrilha, esta pode usar a instabilidade política como meio de passar a guerrilha dos países centro-americanos também para o vizinho da nação considerada como a mais democrática do globo.

BIBLIOGRAFIA

Almanaque Abril - Editora Abril; Edição 1987

Jornal Zero Hora - Caderno "D"; Edição de 11 Out 87.

Informativos nº 13, 14 e 15 da ECEME.

Revista NEWS WEEK, edições de: 1987:
Set: 28 - Out - 05, 10, 26 e Nov - 09,
16; 1988 (Jan - 18, 25; Fev - 01, 08, 15,
29; Mar - 07, 21, 28; Abr - 04, 11, 18;
Mai - 02, 09, 16, 23, 30; Jun - 06, 13;
Jul - 04, 18, 25; Ago - 01, 08, 15, 22;
Set - 05, 12 e Out - 03)



LUIZ CARLOS POLL - é Major do Exército, da Arma de Cavalaria. Possui os cursos militares da Academia Militar de Agulhas Negras, de Manutenção de Armamento da Escola de Material Bélico e o da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Escreveu o artigo "Quadro Complementar: uma Forma de Acelerar a Promoção dos Sargentos", publicado na Revista do Exército Brasileiro (edição de Abr/Jun - 1987).

O que é IMBEL?

A Indústria de Material Bélico do Brasil - IMBEL é uma empresa vinculada ao Ministério do Exército, que comanda direta e indiretamente um complexo fabril responsável pela produção de diversificados produtos de emprego militar e assemelhados.

Justificando o seu sucesso empresarial, a IMBEL mantém as suas fontes produtoras em permanente pesquisa e desenvolvimento de produtos, criando tecnologia própria, aprimorando tecnologia adquirida, promovendo o intercâmbio com fontes empenhadas no desenvolvimento de material bélico, incluindo quatro empresas associadas e, principalmente, pesquisando o mercado comprador no Brasil e exterior.

Como resultado, a IMBEL oferece produtos de nível e competitividade internacionais.

Na linha militar da IMBEL constam explosivos, acessórios e artefatos, cabeças de guerra para todos os tipos de municiões, propelentes para mísseis e foguetes, armamento individual de porte e portátil, aparelhos eletrofônicos de comunicação em campo, aparelhos de aferição, medição de desempenho balístico, terminal portátil programável para coleta de dados através de leitura de códigos de barras ou digitação e outros itens.

A linha de produção química compreende TNT, RDX,

NITROPENTITA, HMX (em implante) e suas composições, Nitrocelulose e Linter Purificado, Pólvoras de Base Simples e Dupla, Dinamites, Espoletas, Cordéis e demais produtos correlatos.

A IMBEL - a mais antiga indústria de material bélico da América Latina é a maior fornecedora de armamentos leves para as Forças Armadas do País. Por sua tradição e capacitação técnica, tem contribuído para a manutenção do País entre os mais importantes produtores e fornecedores mundiais de material de emprego militar.

Dentre os produtos citados destacamos, o Fuzil Automático Leve (FAL) que juntamente com a Pistola 9mm M973, são fornecidos para as Forças Armadas do Brasil e das Nações amigas, e exportados para o mercado civil, em especial dos Estados Unidos da América.

A tradição e experiência da IMBEL na fabricação de produtos militares, resultou no desenvolvimento de variada gama de produtos civis de tecnologia similar. Dada à sua amplitude de pesquisas, a IMBEL oferece produtos de qualidade apurada, a partir de princípios e matérias-primas de sua produção.

A operação de rádios e telefones de campanha forneceu tecnologia útil e aplicável às comunicações entre cantões de obras, redes de reparos, unidades navais, veículos de inspeção e outras situações.

Armas de caça e cutelaria, de tratamento metálico especial, são produtos em que a experiência de fabricação de armas militares resultou em produtos sem similar.



Indústria de Material Bélico do Brasil - IMBEL
Vinculada ao Ministério do Exército

Av. das Nações Unidas, 13.797 - Bloco III - 1º andar - CEP 04794
Tel.: (011) 531-5055 - Telex: (011) 37481 IMBL BR
Caixa Postal 21167 - São Paulo - SP - Brasil